

MALINOWSKI & PROCUSTO: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Epitácio Fragoso Vieira

Que relação pode haver entre Procusto e Malinowski? Que tem a ver uma figura lendária da antiga Grécia com um cientista moderno, cioso de seu rigor metodológico, científico, lidando com dados empíricos?

Procusto tinha um leito no qual supliciava suas vítimas. Se a vítima era maior do que a cama, cortava-lhe as pernas. Se o viajor capturado era menor do que o leito, Procusto tinha uma técnica de espichá-lo, contanto que o torturado ficasse exatamente do tamanho da cama. Qualquer bom dicionário da língua portuguesa, ao tratar do verbete *leito*, faz referência ao famoso leito de Procusto. Aurélio Buarque de Hollanda registra a expressão, embora não hifeniza os seus elementos para torná-la um substantivo composto. Gostaríamos de incorporar a expressão, até então literária, à terminologia científica, grafando-a como um substantivo composto hifenizado, à semelhança do que já acontece com a expressão — já dicionarizada — *calcanhar-de-aquiles*. Aliás, há também muita relação entre *leito-de-procusto* e *calcanhar-de-aquiles*. E muita relação com os cientistas modernos, principalmente os chamados cientistas sociais. O problema do marco teórico constitui o *calcanhar-de-aquiles* das ciências sociais, pois freqüentemente o marco teórico torna-se um *leito-de-procusto* ao qual os dados da pesquisa devem se adequar. Optar pela ausência de um marco teórico e partir para a observação de campo esperando que “os fatos falem por si”, na verdade, não resolve o problema, pois aí são os nossos preconceitos pessoais (e os preconceitos de nossa cultura) que vão constituir um igual ou mais perigoso *leito-de-procusto*. Assim, todos nós, os cientistas sociais, quase sempre temos o nosso *leito-de-procusto*.

É esse problema epistemológico que gera a confusão semântica, a imprecisão dos termos, a impossibilidade (até hoje)

de acordo ou consenso sobre conceitos como estrutura, ideologia, classe social e muitos outros conceitos que são fundamentais tanto para a Sociologia como para a Antropologia. Dentro de uma mesma "escola", como na funcionalista, uns preferem Radcliffe-Brown a Malinowski. Quanto a mim, prefiro Malinowski. O funcionalismo de Radcliffe-Brown eu diria que é um funcionalismo às avessas. É mais estruturalista. Para ele são as pessoas que devem ser funcionais ao sistema e não o sistema ser funcional para as pessoas. Daí sua teoria antropológica ser inoperante para tratar da mudança cultural, pois, segundo sua ótica, as pessoas é que devem mudar para se adaptar à estrutura do sistema. Ele vê mais a sociedade do que o indivíduo. Seu enfoque é mais sociológico e menos humanístico, e menos antropológico. A importância do indivíduo como que se dilui no mar imenso da estrutura, deificada. Para o autor de *Os Argonautas*, ao contrário, o ponto de partida é o homem, é o indivíduo, com suas necessidades biológicas. Para ele, o sistema cultural surge e se estrutura como uma resposta às necessidades dos indivíduos, necessidades primárias e derivadas. Se a cultura deixa de atender a essas necessidades, ela é que deve mudar, sob pena de entrar em crise e desaparecer. Assim compreendido, o funcionalismo de Malinowski torna-se operante para o estudo da mudança cultural. Alguém poderia levantar a objeção de que seu trabalho sobre mudança cultural é a parte mais fraca de sua obra. Explica-se. Malinowski trabalhou principalmente entre os trobriandeses, realizando em grau sumo o método de observação participante. E naquela cultura ainda não "compósita" ele não viu necessidade de mudança, pois ela era funcional às necessidades básicas de seus membros. Fazê-la mudar para "modernizá-la", para acompanhar o progresso da civilização, seria destruir a sua funcionalidade. Mesmo na África, já menos primitiva que a cultura trobriandesa, Malinowski parece sentir e querer dizer à civilização "ocidental cristã": deixem a África com o seu tribalismo, com suas crenças primitivas, pois a sua cultura ainda é mais funcional para os seus indivíduos do que a nossa cultura européia, ciosa de sua "superioridade", auto-iludida em seu etnocentrismo. Malinowski teve o admirável senso antropológico para superar o etnocentrismo de sua cultura de origem e poder empatizar com a cultura "primitiva" e ver essa cultura pela ótica do nativo. Ele se levanta contra os antropólogos europeus, principalmente os evolucionistas, que faziam de seu etnocentrismo um leito-de-procusto para as outras culturas, nas quais não viam nenhum sentido, nenhuma funcionalidade. Aprofundando bem o pensamento de Malinowski em suas conseqüências lógicas,

pode-se perceber que a origem do desvio e da degenerescência do processo civilizatório está exatamente no fenômeno da derivação das necessidades. Uma necessidade primária, biológica, para ser atendida, exige um mínimo de organização social que, por sua vez, gera uma nova necessidade (uma necessidade derivada), a qual, por seu turno, exige um grau a mais na complexificação da sociedade, a qual gera novas necessidades, e assim segue a espiral do progresso. Ocorre que, nessa evolução, quanto mais avança o processo, mais o homem vai se artificializando e se tornando escravo dos mecanismos que engendram as necessidades supérfluas. A sociedade fica superestruturada, distante do equilíbrio ecológico, já não responde às necessidades fundamentais do homem, que já se extraviou e já nem tem consciência de sua natureza ("o homem não tem natureza, tem cultura"). Está robotizado, como diz Erich Fromm. Agora o indivíduo é importante diante da onipotência do sistema, encimado por um Estado-Leviatã. E tem a vez o funcionalismo de Radcliffe-Brown: as pessoas é que devem ser funcionais ao sistema, é que devem se amoldar a ele, como no leito-de-procusto.

Mas há uma outra diferença entre os dois expoentes máximos do funcionalismo britânico que é o objeto principal do presente trabalho. É uma diferença apontada por Leslie White. Vamos aceitá-la e, por concessão tática, vamos aceitá-la exatamente nos termos em que ele a põe. E a partir dessa diferença, vamos tecer algumas considerações metodológicas sobre a obra de Malinowski.

A razão pela qual Leslie White prefere Radcliffe-Brown a Malinowski é exatamente a mesma que me leva a fazer a opção contrária: Malinowski é mais artista do que cientista. Ele diz que "Radcliffe-Brown está mais próximo à ciência do que Malinowski" e escreve, e fala para toda a comunidade científica ouvir:

"Pouco encontramos nos textos de Malinowski que tenha a ver com sistemas. Para sermos exatos, apesar de seus *insights*, e suas vívidas e às vezes dramáticas exposições, não posso deixar de sentir que Malinowski não era um cientista metuculoso e, além do mais, creio que teria concordado comigo neste ponto. Acredito que ele achasse que algumas de suas intuições e compreensões se encontravam fora dos limites da ciência rigorosa. Era um artista no sentido em que seu grande compatriota — também anglicizado — Joseph Conrad o era." (17, p. 151)

White observa que algumas passagens de *Os Argonautas* lembram "o desejo de Conrad no sentido de mergulhar até as profundezas da alma de Lord Jim" (17, p. 151).

Não concordo com Leslie e White em que Malinowski não era, e nem se considerava, um cientista meticuloso. Neste trabalho, procurarei mostrar que Malinowski possuía uma metodologia bastante própria, com evidente suporte epistemológico, mas que — e nisto está a sua grandeza, que o faz transcender os limites da "ciência rigorosa" —, permanentemente aberto e disponível para o real, ele sempre se esforçou para que seu método não se constituísse num leito-de-procusto para a realidade observada, no caso, para o nativo na totalidade de sua cultura.

Antes de entrar na discussão do problema, que ficou acima indicado, devemos registrar uma semelhança entre Frazer e Malinowski, pois ela nos ajudará na compreensão do problema proposto. É sabida a influência que a leitura de *The Golden Bough* teve na vida de Malinowski. Depois de doutorado em Física e Matemática pela Universidade de Cracóvia, segue-se o dado biográfico decisivo:

"De constituição franzina, teve que interromper sua carreira científica logo depois de formado, por motivos de saúde. Impedido de trabalhar, leu, como distração, a famosa obra de Sir. James Frazer, *The Golden Bough*, que o atraiu definitivamente para a antropologia e que exerceu influência profunda em sua formação." (1, p. 846)

Até lembra o encontro de Platão com Sócrates. Quando o jovem Platão rasgou suas poesias para tornar-se um discípulo de Sócrates, não foi porque o filósofo da maiêutica tivesse o poder mágico de converter os poetas à filosofia, mas porque, para dar ressonância às palavras de Sócrates, Platão já trazia a inquietação filosófica: o filósofo já estava dentro do poeta. Do mesmo modo, a leitura de Frazer acordou no físico e matemático Bronislaw Malinowski o antropólogo e humanista que ele passou a ser até o fim de sua vida. É muito revelador que a qualidade principal que Malinowski encontra em Frazer (9), como aí se vê, é justamente a mesma que Frazer aponta em Malinowski ao escrever o prefácio de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. E a mesma observação que Malinowski faz da obra de Frazer é a mesma que Eunice Ribeiro Durham faz a respeito da obra de Malinowski, a saber, uma freqüente discrepância entre os resultados a que chegam esses autores na evi-

dência empírica de seu trabalho etnográfico e as suas premissas teóricas. Por um lado, questionando a validade de vários pontos da teoria antropológica de Frazer, por outro lado Malinowski descobre nas descrições (ou reconstituições) etnográficas de Frazer aspectos admiravelmente válidos, e válidos na medida mesma em que contradizem postulados teóricos de Frazer. Criticando as idéias de Frazer sobre magia, Malinowski escreve:

"À luz do nosso moderno conhecimento antropológico, essa teoria da magia, que também é uma teoria da visão primitiva do mundo, é insustentável. Sabemos agora que a humanidade primitiva era consciente das leis científicas do processo natural. O fato mais notável a respeito disto, contudo, é que Frazer, uma vez mais contradizendo a si mesmo, formula no fim de *The Golden Bough* o princípio justo: '... Se sob o nome de ciência pudermos incluir estas simples verdades, derivadas da observação da natureza, de que os homens em todas as eras têm possuído um repertório, então ela deve ter existido desde o começo dos tempos.'" (9, p. 184)

A seguir, ele mostra que a conclusão de *The Golden Bough*, que é uma evidência empírica, apresenta uma contradição real com a introdução, que é uma explicitação teórica. Se assim é, Frazer não fez de seu método um leito-de-procusto para a realidade empírica. Sou tentado a citar mais um trecho de Malinowski sobre Frazer, porque é muito pertinente ao caso:

"Assim, em sua personalidade, em seus ensinamentos e seus feitos literários há um toque do paradoxal que emoldura o grande erudito escocês e sua obra. Sua enorme influência criadora surpreende às vezes o seu devotado admirador quando se depara com uma das ingênuas argumentações teóricas do *The Golden Bough* ou alguma outra de suas obras. Sua incapacidade de convencer contradiz o seu poder de converter e inspirar." (9, p. 174)

Frazer era incapaz de convencer quando argumentava em suas teorizações, pois sua teoria estava em contradição com os fatos, mas foi capaz de converter e inspirar Malinowski ao apresentar os mesmos fatos, pois Frazer, na apresentação do material etnográfico, tinha a admirável qualidade literária de

recriar ou reconstituir a realidade em sua inteireza. Ele era dotado de uma admirável intuição artística — intuição que não deve ser entendida nos termos de Bergson, mas no sentido sensorial de Pestalozzi, isto é, aquela intuição que brota dos sentidos, poeticamente abertos para captar a realidade das coisas em sua totalidade. É essa dotação artística que dá a Frazer a "sua capacidade de transformar a aridez da prova etnográfica numa narrativa dramática" (9, p. 174), o que vai acontecer mais tarde com as grandes monografias etnográficas de Malinowski. É que o extraordinário antropólogo polonês possuía o mesmo dom poético de seu êmulo escocês.

Parece que está na hora de retomarmos o problema, o da aparente ou real contradição entre o método seguido e os resultados alcançados por Malinowski, ou melhor, noutros termos, entre as suas teorizações e as suas reconstituições etnográficas.

As preocupações metodológicas estão presentes em toda a obra de Malinowski. Foi ele na Inglaterra, como Franz Boas nos Estados Unidos, um dos principais responsáveis pela grande revolução teórico-metodológica que marcou época na história da antropologia. Ao partir para o seu trabalho sobre a família entre os aborígenes australianos, que foi publicado em Londres no ano de 1913, Malinowski já se dava conta de que os postulados evolucionistas e difusionistas vinham sendo utilizados como verdadeiros leitões-de-procuro, isto é, os postulados eram mantidos dogmaticamente como intocáveis e os dados da pesquisa etnográfica eram manipulados para a eles se adequarem. Malinowski, embora formado em Matemática, não trouxe o dedutivismo da matemática para a antropologia. Ao contrário, ele é um radical indutivista e "um empirista irreductível", como diz Durham (2, p. 182). Para Malinowski, como afirma Durham, "o caráter científico da investigação repousa, em última instância, na possibilidade de estabelecer categorias analíticas que sejam as categorias da própria realidade" (2, p. 36). Por isso, ao contrário de Radcliffe-Brown, ele não parte do conceito de sistema de parentesco (que para ele é uma categoria analítica abstrata, que não pode ser referida a um conteúdo concreto), mas da instituição da família, ou do grupo familiar concreto. E não parte de uma definição fechada, que bloquearia a possibilidade de concluir pela não existência da família entre os nativos australianos. Na verdade, como diz Durham, "a questão fundamental que Malinowski se coloca no início da investigação é se existe família na sociedade australiana" (2, p. 22). De fato, só no capítulo V, é que ele vai concluir, após a evidência empírica, que a família pode ser defi-

nida como instituição entre os citados aborígenes. Sobre isto, parece sugestiva a hipótese de que Malinowski conhecia o método de redefinição de Max Weber, tal como se encontra na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. É também importante a diferença que Durham assinala entre Malinowski e Durkheim quanto à questão da definição inicial:

"No procedimento durkheimiano, o campo de observação é constituído e fechado pela definição inicial. Para Malinowski, ao contrário, o campo de observação permanece aberto, constantemente aberto e mutável" (...) Esta definição inicial constitui apenas o primeiro passo e é sempre aproximada e extremamente geral. Só com o progresso das investigações é que será possível atingir formulação mais precisa. Malinowski acredita que, realizada uma série de estudos etnográficos detalhados de um certo tipo de fenômeno em sociedades diversas, será possível chegar, *por indução*, a uma definição geral do fenômeno em questão. Há, portanto, uma definição inicial ou preliminar e uma definição geral ou final" (2, p. 16-7)

O problema da definição inicial assume grande relevância quando se lembra que a grande tentação do antropólogo, como observa Malinowski, é analisar as culturas nativas à luz dos valores e das categorias da civilização a que está preso ou de cuja cultura é portador. Particularmente para o antropólogo, uma definição inicial do tipo durkheimiano é nefasto leitão-de-procuro para as culturas nativas. Malinowski se ergue como um verdadeiro iconoclasta que vai destruindo esses leitões-de-procuro: os de Morgan, os de Elliott Smith e os do próprio Radcliffe-Brown em *The Family among the Australian Aborigines* e em *The Sexual Life of Savages in North-Western Melanesia*; e os de Marx e Adam Smith em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* e em *Coral Gardens and The Magic*, onde (nestas duas últimas) ele investe ferozmente contra a figura fictícia do "Homem Econômico Primitivo", como sendo o leitão-de-procuro dos economicistas, e onde assume uma posição semelhante à de Max Weber quanto à relação entre economia e religião, ao afirmar que "a magia é uma das principais forças psicológicas que possibilitam a organização e a sistematização dos esforços econômicos nas ilhas Trobriand" (11, p. 294). Outras passagens dos *Argonautas*, descrevendo os nativos na sua crença encantamentos mágicos para a obtenção do êxito na realização do Kula, lembram a fé singela dos pietistas orando a Deus, pedindo-lhe

a bênção para os seus negócios (a indústria, o comércio), como se vê na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* — mas isto é uma sugestão de pesquisa que foge ao objetivo do presente trabalho.

Voltemos ao problema da definição inicial, pois ele nos levará para mais perto da nossa meta. Como evitar que a definição inicial, refletindo a cultura de origem do antropólogo e todo o seu embasamento teórico, se transforme num leito-de-procusto para a cultura nativa? Malinowski indica os passos a seguir para a solução deste problema, quando explicita sua metodologia na Introdução dos *Argonautas*. Antes de tudo, é preciso acreditar que a cultura nativa é um todo funcional. O conceito de função aparece como pressuposto ou o postulado fundamental de Malinowski. À semelhança de Popper, ele não diz de onde o tirou (provavelmente de Durkheim) e nem se ocupa em demonstrá-lo. Ele mesmo admite a impossibilidade de fazê-lo quando escreve:

“Esse tipo de análise funcional está facilmente sujeito à acusação de tautologia e vulgaridade assim como à crítica de que representa um círculo lógico, pois, obviamente, se definimos função como a satisfação de uma necessidade, é fácil suspeitar que a necessidade a ser satisfeita foi apresentada a fim de atender à necessidade de satisfazer uma função.” (10, p. 158)

De fato, anteriormente ele havia dito que “função não pode ser definida de nenhuma outra maneira senão como a satisfação de uma necessidade por uma atividade na qual os seres humanos cooperam, usam artefatos e consomem bens” (10, p. 44). Assim, em contradição com seu empirismo explícito, ele adota um postulado, um princípio para o qual não apresenta uma comprovação empírica. Na verdade, o etnólogo não pode esperar por vários anos de análise da cultura nativa para depois chegar à conclusão de que ela é um todo funcional, pois ele depende do princípio da integração funcional desde o início, sem o que estaria impossibilitado de conhecer a cultura que se propõe estudar, pois facilmente ele colocaria seu objeto de estudo no leito-de-procusto do etnocentrismo. Para conhecer a realidade, é preciso pressupor que ela é de alguma forma cognoscível. Do mesmo modo, para se conhecer uma cultura diversa da nossa, é preciso pressupor que ela não seja um amontoado de costumes e coisas exóticas sem nexos, mas que ela tenha sentido ou faça sentido para os seus indivíduos — noutros termos, que ela lhes seja funcional. Sem esse pressuposto

básico, o antropólogo cairá facilmente nos juízos de valor do etnocentrismo e não verá na cultura em estudo senão uma “colcha de retalhos”. Assim, “para Malinowski o conceito de função é que permite, a partir de dados aparentemente caóticos, reconstruir os sistemas que ordenam e dão sentido aos comportamentos e costumes do nativo” (1, p. 857).

É necessário ter em vista que a idéia da cultura como um todo funcional faz parte da definição inicial, provisória, que Malinowski prefere chamar de “mínima”. Ela apenas inicia um longo processo de investigação empírica, um demorado trabalho-de-campo em que será de fundamental importância a observação participante.

Agora já é tempo de irmos de vez às considerações metodológicas da Introdução de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, sem dúvida a obra-prima de Malinowski. Diz ele:

“Os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, é lógico, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidência.” (1, p. 24)

O primeiro requisito para Malinowski traz implícito o postulado funcionalista. O segundo é uma exigência lógica do primeiro: para descobrir o sentido que a cultura nativa tem para os seus membros é necessário conviver com eles, aprender sua língua, chegar mesmo a aculturar-se através de um longo processo de observação participante. Neste ponto, julgo necessária uma citação de Durham:

“Desde esta época, muito já se escreveu sobre a observação participante, que foi definitivamente incorporada às exigências para a realização do trabalho de campo em Antropologia. Mas talvez seja importante ressaltar mais uma vez que o fundamento desta técnica reside num processo de transformação do observador, que consiste na assimilação das categorias inconscientes que presidem à ordenação do universo cultural investigado, num processo correspondente a uma ‘aculturação’ do observador. Assim, não só o in-

vestigador altera-se a si próprio, transformando-se num instrumento de investigação, mas, através deste processo, análogo ao aprendizado da língua e, como este, em parte inconsciente, atinge uma totalidade que é 'anterior' ao processo sistemático e, em parte, da própria coleta de dados." (2, p. 47)

Aí já aflora o problema fundamental da observação participante e ao qual voltaremos quando chegarmos mais perto da conclusão deste trabalho. Passemos ao terceiro ponto enunciado por Malinowski. É ele ampliado e subdividido em três itens que de certo modo englobam os dois anteriores e resumem todo o procedimento metodológico do pesquisador. Aí, contrariando todo o biologismo de sua *Uma Teoria Científica da Cultura*, Malinowski extrapola o paradigma organicista para esboçar uma analogia que lembra a doutrina paulina da tricotomia: o homem de corpo, alma e espírito. A cultura seria um sistema tricotômico que corresponderia à tríplice divisão do adaptativo, do associativo e do ideológico? É claro que Malinowski não usa tal nomenclatura e possivelmente não queira dizer o que ela atualmente denota. O que ele usa é mais uma metáfora para introduzir a categoria dos "fatos imponderáveis da vida real" e justificar a necessidade de se fazer o *corpus inscriptionum* ("uma coleção de asserções, narrativas típicas, palavras características, elementos folclóricos e fórmulas mágicas") que "deve ser apresentado como documento da mentalidade nativa" (11, p. 37). Malinowski acha que os métodos meramente quantitativos da "documentação concreta e estatística" nos dão apenas a anatomia morta da cultura. Falando de sua experiência entre os trobriandeses e dos momentos de desânimo diante da impossibilidade de comunicar-se com eles na língua local, diz Malinowski:

"Eu sabia perfeitamente que a melhor solução para esse problema era coletar dados concretos, e, assim, passei a fazer um recenseamento da aldeia; anotei genealogias, esbocei alguns desenhos, fiz uma relação de termos de parentesco. Isso tudo, porém, permanecia material 'morto' que realmente não me podia levar a entender a verdadeira mentalidade e comportamento dos nativos." (11, p. 24)

Somente depois de aprender a língua nativa e de conviver com os ilhotas como se fosse um deles é que o pesquisador

apreende os aspectos imponderáveis do comportamento dos nativos e "então, a carne e o sangue da vida nativa real preenchem o esqueleto vazio das construções abstratas" (11, p. 33). Agora ele já percebe que a cultura trobriandesa tem vida, tem alma. Ele já compreende o significado do comportamento nativo e sabe que esse comportamento "não é nem irracional nem imoral, mas coerente e compreensível dentro das premissas da cultura trobriandesa" (1, p. 860). Convivendo mais com os nativos, vendo-os a agir, ele vai finalmente apreender as *idéias* e os *sentimentos coletivos* expressos na mitologia e nos ritos mágicos e na *atitude* que os indivíduos assumem em relação a essas coisas, e só então terá penetrado no *espírito* da cultura e estará em condições de fazer o seu *corpus inscriptionum*.

Agora é o momento de considerar o problema que, dizia, já afluía no trecho de Durham a respeito da observação participante. O risco do método assim chamado, levado até as últimas conseqüências, sobretudo por um homem sensível como Malinowski, é o de o pesquisador ficar de tal maneira assimilado ao nativo, tão completamente aculturado, que lhe ocorra, pelo avesso, o perigo de incorrer no mesmo erro tão apostolicamente combatido por Malinowski: o de fazer de seu método um leito-de-procuro. Com efeito, Malinowski algumas vezes troca o leito-de-procuro do etnocentrismo n.º 1 (o de sua cultura de origem) pelo leito-de-procuro do etnocentrismo n.º 2 (o da cultura adotada, o da cultura trobriandesa). Condicionado pelo seu método a ver sentido e funcionalidade em todos os elementos da cultura observada, ele termina vendo de mais: tudo é perfeitamente integrado e funciona às mil maravilhas. Se os anti-funcionalistas quebram as pernas da vítima, os funcionalistas esticam-nas para que ela preencha o gigantesco leito funcional. Parece-me que esta é a crítica mais pertinente que se faz a Malinowski. De fato, as partes vulneráveis de suas monografias são aquelas em que ele, deixando o relato etnográfico passa a teorizar. É então que o leitor vai se deparar com afirmações ingênuas, tais como aquelas que ele mesmo apontou na obra de Frazer. Malinowski fica tão empolgado com o *Kula* que se convence de que tal instituição ou equivalente será encontrado em muitas outras culturas (11, p. 372). Noutra parte, ele fala de "uma das características mais marcantes da sociologia trobriandesa" e generaliza: "A julgar por sua natureza tão geral e tão básica, defendo o ponto de vista de que essa é uma característica universal de todas as sociedades primitivas" (11, p. 141). O modo muitas vezes ingênuo como Malinowski passa do particular ao universal valeu-lhe este severo juízo de Nadel:

"... neste ponto, Malinowski nem sempre percebeu a extensão desta complexidade. Poder-se-ia mesmo dizer que nunca lhe ocorreu que a transição do particular ao universal constituísse um problema." (*Apud* Durham, 1978, p. 114).

E quando Malinowski teoriza em busca de uma síntese da teoria da magia, ele não formula uma teoria antropológica da magia, uma teoria científica da magia, mas, sim, uma "teoria kiriwiniana da magia" (e, assim, cai no leito do particularismo, contra a sua vontade expressa de superar a antítese nomotética-ideográfica, como se vê em *apud* Durham 1978, p. 82 e Malinowski 1975b, p. 18). A mesma coisa acontece com a sua teoria do mito, e aí talvez de modo mais acentuado. É muito elucidativo o seguinte trecho de Durham:

"A interpretação de Malinowski sobre o significado do mito para o nativo revela enorme sensibilidade. O que ele está querendo dizer é que o mito é uma reificação da tradição, é a tradição cristalizada. E, entretanto, ao apresentar esta interpretação, acabou, analogamente ao nativo, reificando o conceito de tradição, que concebe como força social autônoma. Preso ao universo mental do nativo, que conseguiu recriar, Malinowski é incapaz de formular uma teoria do mito que transcenda o nível 'psicológico' da atitude mental trobriandesa." (p. 80)

É preciso distinguir, em Malinowski, o antropólogo do etnógrafo. Ele mesmo se fazia esta distinção. Em *Os Argonautas*, ele diz:

"Minha presente descrição não é, porém, sociológica, mas sim puramente etnográfica, e toda a análise sociológica que venho apresentando é apenas a que se faz absolutamente indispensável para dissipar falsas concepções e definir termos." (p. 88)

As teorizações sociológicas do antropólogo estão empobrecidas no leito-de-procusto do particularismo trobriandês. Mas o etnógrafo, cujo objetivo precípuo é justamente recriar e reconstituir essa cultura particular, aparece a todos em toda a sua grandeza, em todo o seu esplendor. E o que o salva e o torna notável como etnógrafo é exatamente aquilo que Leslie White aponta como defeito: o seu admirável dom artístico de intuir

concreta e sensorialmente a realidade que observa e a capacidade literária de recriá-la em toda a sua inteireza. Se definirmos a epopéia como um grandioso poema narrativo que sintetiza toda uma cultura, talvez possamos dizer que *Os Argonautas* e *Coral Gardens* são a *Ilíada* e a *Odisséia* dos trobriandeses.

Agora é o tempo de voltarmos ao prometido texto de Frazer a respeito de Malinowski, encontrado no Prefácio de *Os Argonautas*:

"O método do Dr. Malinowski caracteriza-se pela preocupação de levar em conta a complexidade da natureza humana. Ele observa o ser humano em sua totalidade, ciente de que o homem é uma criatura dotada de paixões tanto quanto de razão, e não poupa esforços para descobrir a base tanto racional quanto emocional do comportamento humano. O cientista, assim como o literato, tende a ver a humanidade somente em abstrato, selecionando para suas considerações apenas um aspecto dos muitos que caracterizam o ser humano em sua complexidade. Das grandes obras literárias, a de Molière pode ser usada como exemplo típico dessa visão parcial. Todas as personagens de Molière são projetadas num só plano; uma delas é o avarento, outra o hipócrita, outra o pretensioso — e assim por diante; mas nenhuma delas é humana. São todos bonecos, vestidos de modo a parecerem seres humanos. A semelhança, porém, é apenas superficial. Por dentro, são ocas e vazias, pois a fidelidade à natureza foi sacrificada ao efeito literário. Bem diferente é a apresentação da natureza humana na obra de outros grandes autores como Cervantes e Shakespeare: suas personagens são sólidas, criadas ao molde humano em quase toda a sua multiplicidade de aspectos." (p. 10)

É necessário fazer um reparo no texto de Frazer. Ele afirma que "o cientista, assim como o literato, tende a ver a humanidade em abstrato, selecionando (...) apenas um aspecto". Isto é verdade em relação ao cientista, ao cientista que herdou um conceito historicamente determinado de ciência, num contexto positivista de oposição à filosofia. O cientista atual, sim. Mas quanto ao literato, não. Quanto à literatura como obra de arte, a observação de Frazer não procede. O cientista, tal como o conhecemos atualmente, agindo por um processo discursivo, ele lida com conceitos gerais que não podem ser concretos. E

aqui convém citar Durham nas suas últimas palavras de sua tese sobre Malinowski, quando observa que a parte não etnográfica de sua obra "constitui a tentativa impossível de um empirista irreduzível de encontrar um geral que seja concreto" (2, p. 182). De resto, sabe-se que nem Aristóteles, que não era nominalista, acreditava que houvesse universais concretos. Mas o mesmo não se dá com o literato. E o exemplo que Frazer dá de Molière, em si já inválido, é contradito pelos exemplos de Cervantes e de Shakespeare dados pelo próprio Frazer. Quando dizemos que o exemplo de Molière não vale para a argumentação de Frazer não queremos dizer que Molière não seja um grande autor. Não é isso de modo algum. A questão é que Molière, fazendo o gênero particular da sátira, não serve como referência de generalização para o gênero literário em geral. É próprio da sátira — para surtir o efeito de "punir os males pelo riso" — o traçar um retrato meio caricaturesco das personagens (para produzir a sensação do ridículo que vai produzir o riso purgador). Mas, com exceção da sátira, o que caracteriza a grande obra literária é a capacidade de apreender e reconstituir a totalidade concreta do real. Isso é possível porque a arte possui uma forma própria de apreensão da realidade. Enquanto o processo cognitivo do cientista usual é discursivo, o do artista é intuitivo; enquanto a unidade do discurso científico tradicional é o conceito, e sua linguagem é denotativa, a unidade do discurso poético é a imagem, e sua linguagem é predominantemente conotativa. Enquanto o cientista se polícia e procura conhecer apenas com a razão, o artista se põe todo no ato do conhecer, ele conhece com a razão e com a emoção.

Aqui, porém, se entraria numa discussão que, além de ser explosivamente polêmica, pertence ainda ao campo especializado da Teoria Literária. Evidentemente se extrapolaria o espaço gráfico deste trabalho. Assim, vamos concluir nosso trabalho em termos aporéticos, que estimulem o debate e a discussão, que é o de que mais carecemos nos nossos dias. Malinowski é mais antropólogo ou mais etnógrafo? Em sua dotação artística e literária está a razão de sua grandeza ou de seu fracasso? Ou seria preciso repensar o nosso conceito de ciência, historicamente desenvolvido num contexto positivista, para superar o fosso entre ciência de um lado e arte, filosofia e religião do outro? Esse grande fosso que se começou a cavar a partir do Renascimento, em oposição a uma filosofia escolástica decadente que cada vez mais pairava no etéreo, e que se completou no século XIX, não será a busílis do grande impasse epistemológico do século XX? Não será necessário que superemos o nosso etnocentrismo de "cientistas" para perceber, por outra

ótica, que a arte, a filosofia e a religião têm outras formas de apreensão da realidade, que são também válidas e devem ser levadas a sério num franco diálogo interdisciplinar? Nós, os cientistas do século XX, especializando-nos em apertar parafusos, não estamos sendo novos procustos? Diz a lenda que finalmente apareceu um herói chamado Teseu que matou Procusto e acabou com o seu famigerado leito. Haverá condições de levantar-se um novo Teseu? *ou todos nós teremos que re-
bentear os nossos próprios leitos* para ficarmos livres para captar o real em toda a sua inteireza?

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CIVITA, Victor. *Os Pensadores; Histórias das Grandes Idéias do Mundo Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural, 1976, v. 4.
- 2 — DURHAM, Eunice Ribeiro. *A Reconstituição da Realidade; Um Estudo sobre a Obra Etnográfica de Bronislaw Malinowski*. São Paulo, Ática, 1978.
- 3 — FEYERABEND, Paul. *Contra o Método; Esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*, Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- 4 — GOULIANE, C. I. *A Problemática do Homem; Ensaio de uma Antropologia Filosófica*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- 5 — KAPLAN, David e MANNERS, Robert A. *Teoria da Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- 6 — KONDER, Leandro. *Os Marxistas e a Arte*. Breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- 7 — KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978.
- 8 — LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 9 — MALINOWSKI, Bronislaw Kaspar. *Sir James George Frazer; Um Estudo Biográfico*. In: *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975a.
- 10 — ————. *Uma Teoria Científica da Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975b.
- 11 — ————. *Argonautas do Pacífico Ocidental; Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1976.
- 12 — MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974.
- 13 — MORGAN, Lewis H. *A Sociedade Primitiva*. Lisboa, Ed. Presença, 1976.

- 14 — POPPER, Karl R. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- 15 — RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 16 — WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- 17 — WHITE, Leslie A. *O Conceito de Sistemas Culturais; Como Compreender Tribos e Nações*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.